

ELA PRECISA DE UMAS  
AULAS NA ARTE DO AMOR.  
ELE É O MESTRE IDEAL.

UM  
**MESTRE**  
NO  
*amor*

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E DO USA TODAY

**KENDALL RYAN**

TOP  
SEL  
LER

# Capítulo 1

Keaton

Sorri e aguenta.

Esta é uma frase que quem passa a maior parte da vida a agradar aos outros conhece bem. Mas eu, Keaton Henley, vendedora de software e melhor amiga excepcional, não me limito a sorrir e a aguentar na despedida de solteira da minha pessoa favorita. Eu sorrio e *ostento*.

— Esta festa está mesmo divertida! — comento com a Karina, a mulher do momento. Somos melhores amigas desde os tempos de faculdade, altura em que as festas se realizavam em repúblicas mal iluminadas e as bebidas eram quase exclusivamente misturadas com vodca barata.

Aperto-lhe o braço, emocionada com o momento nostálgico. Ela quase entorna a *mimosa* em cima de nós.

— Não enganas ninguém — sussurra a Karina, embriagada, os seus olhos castanhos vendo através do meu falso entusiasmo.

— O quê? Estás a gozar? — minto, gesticulando como se empunhasse um par de pistolas. — Esta festa é tão. Tão. Divertida. *Pum, pum, pum.*

As convidadas da despedida de solteira estão sentadas num círculo acolhedor na elegante sala de estar, recostadas em sofás e almofadas luxuosas, tagarelando sobre os seus encontros sexuais mais recentes. A Ariana, irmã mais nova da Karina, sua companheira de casa e dama de honor, num sussurro embriagado, e em bom som, explica em grande detalhe os prazeres inesperados do sexo anal.

Estão todas muito mais embriagadas do que eu, mas isso é normal no nosso grupo. Normalmente, a esta hora, já estou a beber o meu terceiro café, não o terceiro cocktail. Pronto, estou a exagerar, mas mesmo assim.

A Karina franze a testa aos meus dedos fumegantes.

— Fazes sempre isso quando estás a mentir, Keaton.

Dou-lhe mais um tiro, só por diversão. Ela revira os olhos e eu espeto-lhe um fugaz beijo nas costas da mão.

— O nível de estrogénio nesta sala é mais elevado do que aquele a que estou habituada — relembro-lhe.

Trabalho com uma equipa de venda de software predominantemente masculina. Reencontrar as amigas da faculdade e conhecer algumas das colegas de trabalho da Karina é uma mudança de ritmo que exige alguma habituação. Geralmente, as minhas conversas diárias consistem em maximizar vendas, expandir faixas demográficas e desenvolver novas técnicas de marketing. E agora estamos todas a ouvir a conversa da Ariana acerca de maximizar o prazer,

expandir a sua lista de parceiros e desenvolver novas técnicas sexuais.

— Tem tudo que ver com confiança — diz a Ariana, naquela voz encantadora e frustrante de quem já experimentou tudo. As outras acenam com a cabeça, seguindo o exemplo da minha outra amiga, a Gabby, que ergue o copo, triunfante.

— Ao sexo anal! — exclama, piscando o olho na nossa direção.

A Gabby é, provavelmente, a criatura mais sexualmente aventureira que já conheci. Desde os 15 anos que assinala as suas conquistas com um corte na madeira da cabeceira da cama. Cheia de curvas e de confiança, foi para a cama com toda a gente e mais alguma, enquanto eu e a Karina nos ocupávamos a receber todo o tipo de negas.

A Karina termina a sua bebida com um grande gole e pega-me na mão.

— Anda. Preciso de qualquer coisa mais forte.

Puxando-me pela mão, saltamos do sofá da sofisticada sala de estar para uma kitchenette ainda mais sofisticada. A Karina sabe onde a irmã guarda o whisky: na prateleira de cima, escondido atrás da garrafa de azeite. Enquanto desenrosca a tampa e verte o conteúdo da garrafa para duas canecas, ouvimos a Ariana começar a contar outra história de uma aventura sexual completamente diferente.

— Porque é que a tua irmã conta sempre as melhores histórias de sexo? Ela não é, tipo, cinco anos mais nova do que nós? — pergunto, desolada.

A Karina ri-se, sorvendo o whisky com um sorriso.

— Ela é um tornado. Espera até saberes o que planeou para o resto da festa.

— Mais copos, espero...

— Ah, sim. De certeza que vais querer beber mais para o que aí vem.

Não me soa nada promissor.

Como se fosse uma deixa, batem à porta. Arrebito as orelhas e debruço-me sobre a ilha da cozinha para conseguir espreitar para a entrada.

— Estou a ir! — anuncia a Gabby, apressando-se a escancarar a porta. Relanceando as outras por cima do ombro, diz, com um sorriso provocador: — Não tarda, estaremos todas a vir...

À porta está uma mulher com um vestido de verão aos folhos, um cesto de piquenique a condizer e um batom vermelho-vivo.

— Olá — diz, sorrindo e estendendo a mão.

Enquanto a cumprimenta, a Gabby fixa o olhar nas mamas da discreta mulher.

— Uau. Belos melões — ronrona.

A Karina suspira para dentro da caneca e eu rio-me. Aquela mulher não tem vergonha.

A Ariana chega rapidamente à porta, puxando a mulher para dentro do apartamento que partilha com a irmã, como se estivesse prestes a apresentar-nos à personificação da cura para o cancro.

— Pessoal, esta é a Claire! Hoje, a Claire será a nossa melhor amiga, porque vai mudar a nossa vida.

— Não prometo nada — diz a Claire, a rir-se. Parece ter 20 e poucos anos.

*Quem me dera ser cinco anos mais nova e poder usar daquelas decotes outra vez.*

Ela começa por colocar o conteúdo do cesto de piquenique em cima da mesa de centro: loções, toalhas, pepinos. As nossas amigas aproximam-se, intrigadas.

— Boa, está na hora do spa! — aplaudo, pousando o whisky com um tinido sobre a bancada e lançando-me para usufruir deste prazer.

— Acho que não é bem aquilo que... — exclama a Karina atrás de mim, mas é tarde demais.

Agarro num dos pepinos, olhando para a Claire com um sorriso rasgado.

— Olá. Gosto muito mais de os comer do que de pô-los nos olhos — explico, segura de que o whisky me deixou sem filtros.

Os lábios vermelhos da Claire curvam-se num sorriso, enquanto os meus abocanham o vegetal, preparando-se para uma dentada.

— Na verdade — diz —, estes são para a apresentação sobre sexo oral...

*Nham.* Sinto-me a corar, enquanto as minhas amigas explodem numa gargalhada.

— Está bem — murmuro com a boca cheia de pepino. — Deitem tudo cá para fora, meninas.

Olho para a Karina, na cozinha, num apelo de socorro desesperado.

Ela limita-se a erguer a caneca.

— Que comece a festa.

\* \* \*

No *hall* de entrada do apartamento da Ariana e da Karina, despeço-me desta última, cambaleando, embriagada. As outras mulheres estão a trocar para vestuário sensual, mais apropriado para a noite, pavoneando-se de um lado para o outro, semidespidas.

Ficaram prontas para sair depois dos preliminares com a Claire e os seus pepinos. Quanto a mim, estou pronta para ir para a cama.

— Gosto tanto de ti... tanto, tanto. Imploro-te que me mates agora, enquanto estás no auge da tua felicidade e eu a atravessar o pior momento da minha vida — digo, numa fala arrastada, ao ouvido da Karina.

— Não foi assim tão mau — diz ela, dando-me palmadinhas nas costas.

Foi *pior*. Babei-me toda para cima do meu pepino, humilhando-me completamente, e passei a ser a atração principal da noite perante todas as nossas amigas. Devem ter os músculos da barriga doridos de tanto se rirem às minhas custas.

— Gostava que ficasses — suspira. — Quase nunca te vejo. E vou casar-me, o que significa que vou tornar-me uma chata e ver-te ainda menos.

— Que disparate — reclamo, dando-lhe um beijo na bochecha. Aprendi a minha lição no que toca noitadas com

estas meninas. Só posso fazê-lo se tiver tempo de curar uma ressaca horrorosa na manhã seguinte.

— Está bem. — A Karina faz beicinho e endireita-me os óculos, que ficaram um pouco tortos com o nosso abraço apertado. — Vemo-nos em breve?

— Prometo, menina. — Sorrio.

— *Promina* — responde a Katrina, com a fala toda entaramelada.

— Gabby — chamo por cima do ombro da Karina, e a Gabby espreita para fora da casa de banho, apenas de roupa interior e empunhando um ferro de frisar. — Não te esqueces de tomar conta da nossa menina esta noite? E de não desapareceres com um tipo qualquer?

Ela sorri e manda-me dar uma volta. Parece que estamos outra vez na faculdade.

— Adoro-vos a todas! — declaro às massas, e recebo o coro afetuoso das minhas pessoas favoritas. Fecho a porta atrás de mim e suspiro profundamente.

Enquanto estou na rua, à espera do Uber, sou invadida por uma sensação de inquietação. O ar da noite parece agitado, intensificando as minhas emoções.

Fogo, que humilhação. Sinto-me terrível por ser tão sexualmente atrasada em relação a toda a gente. Pensava que os meus broches eram normais, não sabia que era assim *tão* má. O sorrisinho irritante dos 20 e poucos anos da Claire deixou-me a suar de vergonha.

Lembro-me de deixar cair o pepino ao chão, por ter as mãos escorregadias dos nervos e do cuspo.



Com um sorriso encorajador, a Clare asseverou-me, à frente de todas:

— Não te preocupes, Keaton. Duvido que deixes cair a pila de alguém... Bem, a não ser que a arranques com os dentes, claro.

*Cabra.*

O Uber aparece. Entro na penumbra do carro e fecho a porta com mais força do que a necessária, temendo tornar-me uma mulher assustadora, zangada e assexuada.

Uma vizinha na minha cabeça relembra-me de que sou boa em tantas outras coisas. Frequentei uma universidade da Ivy League, por amor de Deus. Todavia, uma assiduidade irrepreensível e um certificado do quadro de honra não significam que saiba envolver um sexo com a língua, e é com isso que estou obcecada neste momento.

Saco do meu telemóvel. Uso listas para me ajudarem a organizar o meu pensamento. Recordo as histórias da Ariana e digito rapidamente no ecrã.

### Lista de afazeres sexuais da Keaton

Número 1: Broches

Número 2: Conversa obscena

Número 3: Posições novas

Número 4: Sexo anal

Núm...

Interrompo a minha lista com um pensamento incómodo. *Keaton*, intromete-se o pensamento, *tu és solteira*.

*Vais começar a sair todas as noites e a engatar desconhecidos, na expectativa de não se importarem que faças experiências sexuais com eles?*

Parece cansativo. Resmungo, atirando o telemóvel para dentro da mala. Dou uma cabeçada contra o desconfortável apoio para a cabeça.

— Está tudo bem? — pergunta o motorista.

— Tudo fino — digo, fazendo o gesto das pistolas nas mãos.

*Bzzz.* Recebi uma mensagem de alguém.

Procuro o telefone na mala. Mensagem de SLATE CRUZ.

Já acabou essa treta da despedida de solteira?

Preciso da minha comparsa.

Respondo com polegares preguiçosos.

Já estou livre, mas não estou em condições de ser comparsa de ninguém.

O Uber para à porta do meu prédio. Agradeço ao motorista e coxeio até ao elevador, procurando as chaves desajeitadamente. Preciso de um ibuprofeno e de um cobertor onde me enterrar para todo o sempre.

Bêbeda? Ou cansada?

As duas coisas. Dia longo.

Antes sequer de abrir a porta, ouço o som familiar da *Penny*, miando exasperada.

Fulmina-me com os seus enormes olhos verdes, mostrando os dentes todos. *Dá-me de comer.*

— Tens razão, *Pen* — murmuro. — A hora de jantar já passou há que tempos.

Liberto-me do casaco, da mala e dos sapatos, e arrasto os pés até à cozinha para desencantar alguma comida para o pequeno monstrinho. A *Penny* segue-me de perto, furiosa por ter de depender de um humano para a sua subsistência. Percebo perfeitamente. Eu dependo apenas de mim, e é exatamente assim que eu gosto.

— Toma. Diverte-te — digo, fazendo-lhe uma festinha rápida no lombo enquanto ela mergulha na sua refeição. Agora que é adulta, esta rabugenta raramente me deixa fazer-lhe festas. Contento-me com o afeto que decide partilhar comigo.

Arrasto os pés até ao quarto para vestir a roupa de andar por casa. Enquanto enrolo o cabelo num puxo desgrenhado no topo da cabeça, o meu telefone vibra outra vez.

Pago-te a viagem até aqui. Anda lá.  
Estou desesperado. Olha para isto.

Recebo uma foto com uma mesa de centro repleta de *snacks* horríveis: uma pizza meio comida, uma bebida energética aberta e uma espécie de nachos com... *chocolate?*

*Bzzz.*

Estou numa espiral de aborrecimento.

Rio-me. Os meus dedos voam pelo teclado.

Não precisas da minha ajuda para ires para a cama com alguém. Além disso, já estou em casa.

Já tirei o soutien. Já fechei a loja.

Estas verdades são inalteráveis.

Volto a abrir a imagem. Definitivamente, os nachos estão cobertos de chocolate.

Não percebo a vida deste homem. Conheci o Slate no primeiro ano da faculdade, através de amigos em comum, e agora parece que nos conhecemos desde sempre. A princípio, nem queria acreditar como ele era estupidamente atraente. Alto, musculado, de olhos castanhos penetrantes, cabelo castanho sedoso, queixo definido, lábios carnudos e um sorriso capaz de derreter todos os corações.

Depressa nos tornámos bons amigos. Senti-me atraída pela sua intrepidez, o seu carisma, o seu sentido de humor. O Slate estava sempre pronto para falar de tudo, nunca se incomodando com o meu «ar autoritário». Marcou-me de tal forma, que se tornou uma das amizades mais confortáveis que alguma vez tive com um homem.

*Bzzz.*

Pronto, está bem. Conta-me como foi a festa.

Houve *strippers*?

Sabia que ias perguntar.

E então? Deixa-me viver através de ti.

Slate, tu dormes com montes de gajas.  
Não vamos fingir que a minha vida é mais louca  
do que realmente é.

Ele ignora o comentário.

Qual é o sentido de uma despedida de solteira  
sem *strippers*?

Suspiro. Será que lhe conto sobre o evento principal da festa?

*Porque não?* O efeito das três *mimosas* e do whisky deixou-me animada e atordoada.

A irmã da Karina marcou uma aula para nos ensinar a fazer broches. Foi um bico de obra. Literalmente.

Ele demora algum tempo a responder.

Tenho a certeza de que foste ótima.

Não, a sério. Trinquei o pepino.

Oh, meu Deus, estás a gozar?

É verdade.

Essa é, tipo, a única regra, Keat. Sem dentes.

Por isso é que foi um bico de obra. Sou um bico de obra a fazer bicos. Não sei como posso melhorar.

Os pontinhos aparecem, depois desaparecem. Aparecem outra vez. E desaparecem.

Faço uma careta ao telefone. Qual é a dele? Finalmente, decide o que quer dizer.

Estás mesmo chateada com isso?

Reviro os olhos. É mesmo conversa de gajo.

Porque é que não haveria de estar?  
Estou a tentar reconciliar-me com o facto de que  
não sou competente no sexo. Não é propriamente a melhor sensação do mundo.

Vá lá, deves ter algum jeito. E és lindíssima.  
Provavelmente, só precisas de alguma prática.

Ignoro aquele elogio. O Slate tem o hábito de dizer coisas maravilhosas de forma demasiado casual. Sempre lhe disse que há de dar falsas esperanças a uma pobre coitada se continuar a ser assim tão simpático.

Do que eu preciso é de ir aos treinos.

Para ver se marchas?

E a seguir estraga tudo. *Típico.*

A *Penny* entra no meu quarto a bambolear, de barriga cheia. Salta para a cama e encontra o seu sítio favorito, enroscando-se mesmo no meio do colchão. Tentei contradizer este seu hábito, mas sem sucesso. Rendo-me e aconchego o meu corpo ao seu calor.

Não estou a gozar, Slate.

Sinto-me mesmo mal com isto.

O pensamento que me assalta a seguir vem do nada. Antes de a Keaton Sóbria estragar tudo, a Keaton Bêbeda toma as rédeas e aventura-se para lá do ponto de não retorno.

Posso fazer-te uma pergunta?

Claro.

Os meus dedos são uns traidores, teclando contra a minha vontade. Já que estou a meter-me num buraco monumental, porque não chafurdar mais um bocadinho?

Que tal deixares de fazer piadas e ajudares-me a ser melhor amante?

Silêncio sepulcral. Sem pontinhos a mexer, sem uma resposta sarcástica, nada para aliviar a tensão que criei.

*O que é que eu fiz?*

Com um lamento, atiro o telefone para cima do edredão. A Penny afasta-se de mim, aborrecida com a minha agitação. Aparentemente, interrompi qualquer coisa e ela não gostou muito.

*Bzzz.*

*Merda.* Atiro-me para o telemóvel, quase acotovelando a bola de pelo cor de laranja que ocupa grande parte da cama.

Queres que te ensine a foder?

Bem, está decidido.

Esquece. Eu sabia que ias gozar.

Assim que a mensagem é entregue, o meu telefone toca. É ele a ligar. Está na hora de controlar os estragos. Atendo.

— Slate, ouve...

— Não estou a gozar. — A voz soa tensa. Quase austera. Não parece nada ele.

Consigno imaginá-lo sentado na beira do sofá, com a expressão que faz quando está mesmo concentrado. Reconheço que não é uma má expressão: a testa franzida, o olhar focado, o polegar apoiado no lábio inferior. Na verdade, até é bastante sexy.

Solto um risinho nervoso.



— Quer dizer, estou com os copos. Não sei o que estou para aqui a dizer. Seja como for, nem deves querer saber. Porra, tu tens acesso a mais mulheres do que um tampo de sanita do Taco Bell, e eu não quero ser a segunda escolha dos teus planos para o fim de semana. Sem ofensa...

— Calma, Keaton. Não tenho planos para este fim de semana.

— O que é que isso quer dizer? — pergunto, com o coração a bater desenfreado. Isto está mesmo a acontecer? Estarei prestes a transformar uma das minhas melhores amizades numa cena total e irremediavelmente estranha?

— Quer dizer que posso, digamos, fazer uma pausa.

— Uau, que honrado — digo, sarcástica.

— Vá lá, Keat, não sejas assim. — Suspira. Consigo imaginá-lo a passar a mão pelo cabelo, penteando-o para trás, até à nuca.

— Desculpa — murmuro. — Nem sei bem o que te estou a pedir. Posso nem me lembrar disto amanhã.

— Não faz mal — responde ele, com ternura.

*O que fiz eu para merecer um amigo tão bom?*

Quando acho que não é possível ele surpreender-me mais, sai-se com:

— E se falássemos amanhã? Estaremos os dois sóbrios. Podemos estabelecer algumas regras básicas.

— Regras básicas?

— Para... — Vacila um segundo. — O que quer que isto seja. Ou o que possa vir a ser.

— OK. Parece-me bem.

— Boa. Falamos amanhã, Keat. Vai dormir.

— Tu também — respondo, e desligamos.

A Penny abre um olho, como se se insurgisse: *O que é que fizeste, humana?*

— Não faço ideia — murmuro. Esta pode ser a situação mais humilhante em que já me meti.

Depois, de maneira inesperada, dou por mim a sorrir. Um sorriso tonto e embriagado, não necessariamente o meu melhor visual, mas pergunto-me se o Slate estará também a sorrir.

Em todo o caso, isto será decididamente interessante.

## Capítulo 2

*Slate*

Depois de o despertador tocar, fico algum tempo a perguntar a mim mesmo se a conversa de ontem à noite com a Keaton não terá passado de um sonho bizarro. No entanto, aqui estão as suas palavras no historial das minhas mensagens. *Que tal deixares de fazer piadas e ajudares-me a ser melhor amante?*

E depois a minha resposta não tão eloquente: *Queres que te ensine a foder?*

Esta troca de palavras assusta-me um pouco, mas decido que não tem importância. Sempre fui cem por cento autêntico perto da Keaton, o que inclui a ausência de filtro, e é claro que não é agora que vou mudar, depois de dez bons anos de amizade. É óbvio que ela me aceita como sou, desbocado e tudo.

Faço a barba, tomo um duche e visto-me em piloto automático, tentando não pensar demasiado no assunto. Não faz

sentido estar a precipitar-me agora. Precisamos de nos sentar e discutir isto a fundo antes de fazermos o que quer que seja. Contudo, não consigo evitar tentar entendê-la.

A Keaton não reagiu bem quando tentei confirmar exatamente que tipo de ajuda procurava. Não estou maluco por interpretar as coisas desta forma... certo? Será que apenas queria que lhe comprasse um manual ou algo do género? Desenhar-lhe uns diagramas pornográficos? Fazer-lhe uma demonstração com uma banana e um preservativo? Não, tenho quase a certeza de que se referia a um treino um pouco mais interativo. Por outro lado, talvez fosse um efeito da sua coragem em forma líquida e pode ser que não se lembre de nada.

Ao mesmo tempo, não posso negar que a proposta indecente que me fez me excita. Ela é lindíssima, a personificação da fantasia da bibliotecária sexy. Sinceramente, sou um homem de carne e osso com um par de olhos na cara que, por acaso, tem o equipamento que pode satisfazer as suas necessidades. Ninguém me pode censurar por achar atraente a ideia de lhe tocar. Se ela quiser que eu seja a sua máquina de amor pessoal, honestamente, vou aproveitar a oportunidade.

Mas somos apenas amigos — sempre fomos e espero que continuemos a ser. Sei que ela é casada com o trabalho e ela sabe que eu não estou interessado em assentar. Nenhum de nós quer estragar as coisas boas que temos, especialmente a nossa amizade.

Decidido, digo a mim mesmo que não há hipótese nenhuma de as imagens que me passam pela cabeça se tornarem

realidade. Independentemente do que ela pensava ontem à noite, hoje já terá caído em si. Ou talvez estivesse demasiado bêbeda para se lembrar sequer. Tenho de estar preparado para tudo, incluindo fingir educadamente que me esqueci, no caso de ela se sentir envergonhada com as palavras da Keaton Bêbeda. Deus sabe que ela me concedeu a mesma cortesia muitas vezes quando eu disse algo estúpido depois de beber uns copos.

Mando-lhe uma mensagem a dizer que estou a caminho e ela responde com o *emoji* do polegar para cima. Não é exatamente «Percebido, estou pronta para falar sobre sexo», mas provavelmente ainda está a acordar. Só queria ter a certeza de que não a apanhava nua... não, pensar na Keaton Nua é a maneira errada de abordar esta questão.

*Desliga o cérebro, guarda o telefone e mete-te no carro, Slate.*

A caminho da casa da Keaton, passo pelo seu café favorito para comprar os famosos *burritos* gigantes com extra queijo que ali servem ao pequeno-almoço. Ela não costuma beber muito e, conhecendo-a, é provável que não se sinta muito bem. Por isso, tenho de lhe dar a comer uma coisa que absorva os efeitos secundários da despedida de solteira.

Subo no elevador até ao apartamento dela e toco à campainha. Ela abre-me a porta envergando umas calças de pijama cor-de-rosa e uma t-shirt. Está descalça e prendeu o longo cabelo escuro num rabo de cavalo desgrenhado, mas, ainda assim, parece recomposta.

Pergunto-me se o sorriso luminoso que ela tem no rosto é para mim, e os meus lábios estremecem de satisfação.

— Bom dia — saúdo, estendendo-lhe o saco de papel ao entrar. Não resisto a acrescentar: — Bela fatiota.

— Obrigada. — Ela aceita o saco e inspira o aroma condimentado, soltando um suspiro extasiado. — Oh, meu Deus, o cheiro das malaguetas verdes. Tão bom.

— Achei que precisavas de uma cura para a ressaca.

Do alto do seu poiso, em cima do frigorífico, a *Penny* observa a agitação.

Fecho a porta atrás de mim antes que ela se escape. Não que aquela gata velha e rabugenta conseguisse mover-se com tanta agilidade, mas sei que a Keaton ficaria de rastos se o raio do bicho fugisse.

— Não bebi assim *tanto* ontem à noite, mas obrigada. — Ela pousa o saco na mesa da cozinha. — Vou fazer café para nós. Podes tirar os pratos?

— Só depois de cumprimentar a *Penny*. — Vou até ao frigorífico e estendo a mão para fazer uma festa à gata laranja malhada. — Olá, miúda, como está a *Penny*, a Castigadora? — Ela não se mexe, pouco interessada na minha demonstração de afeto.

— É estranho como ela se dá tão bem contigo — observa a Keaton, junto à máquina de café.

— Sinto-me ofendido. Gosto de pensar que sou um tipo simpático. — Afago o focinho fofo da *Penny* e ela honra-me com o lento pestanejar dos seus olhos verdes semicerrados.

Contudo, estou concentrado na Keaton, tentando decifrar se ela se lembra de alguma coisa da nossa conversa de ontem à noite. Mas ela não se descose, não me dá qualquer

indício sobre se sou suficientemente digno para as atividades sexuais com as quais precisa de ajuda. Ainda não sei se sou um candidato viável para a tarefa.

— Sabes bem o que quero dizer. — A Keaton revira os olhos. — Ela quase nunca me deixa fazer-lhe festas. E sempre que está assim em cima do frigorífico... bem, repara.

A Keaton inclina-se à minha frente para abrir o frigorífico — tão perto que consigo sentir o calor do seu corpo e o aroma do seu champô de lavanda — e tenta alcançar o pacote de leite. Rápida como um raio, a *Penny* dá-lhe uma patada na cabeça.

A Keaton arregala os olhos com exagerada incredulidade.

— Estás a ver?

— Não é por acaso que lhe chamo *Penny*, a Castigadora — comento, reprimindo uma gargalhada.

— Eu sei que ela está só a brincar. Se não, usaria as garras.

A Keaton é um pouco paranoica em relação à gata, mas não vou contrariá-la. Aquele animal é uma criatura maléfica que apenas precisa dos humanos para uma coisa: alimentação.

A Keaton serve-nos duas canecas de café fumegante, simples para ela e com bastante leite para mim.

Enquanto mexo uma colher de açúcar no café, pousado em cima da mesa, o seu portátil aberto chama-me a atenção e acabo por olhar involuntariamente. Uma folha de cálculo ocupa o ecrã... mas, ao contrário do que esperava, não está preenchida com dados financeiros aborrecidos. Trata-se de

uma longa lista de atos libidinosos, desde *noções básicas sobre broches e posições novas*, até *conversa obscena e sexo anal*, tudo meticulosamente organizado com separadores codificados por cores.

*Caramba, é um programa sexual.* Quase me engasgo com o café a esquentar.

OK, bem... claramente ela não esqueceu a noite passada. E presumo que esta seja uma forma de começar a aprender. Uma forma extremamente organizada, extremamente Keaton. Sinto-me entre o choque e o riso.

O que hei de fazer? É verdade que vim até cá para falar sobre a vida sexual da Keaton, mas não sei se devia ter visto esta lista. Talvez seja apenas para uso pessoal. Tentando fingir que não li o que estava no ecrã, viro o portátil para o lado e empurro-o para arranjar espaço para os pratos, por pouco não o atirando para o chão, sobressaltando-me com o toque da campainha.

A Keaton abre a porta a uma indiana franzina de cabelo branco, que estende um doseador de plástico.

— Desculpe incomodá-la tão cedo, minha querida. Vim ver se me arranjava um bocadinho de açúcar. — A sua voz meiga tem um sotaque cerrado.

Sorrindo, a Keaton faz um gesto com a mão.

— Não incomoda nada. Vou buscar a lata e pode tirar à vontade.

Deve ser a vizinha de que me falou, que nunca conheci.

Enquanto a Keaton vai vasculhar na despensa, a idosa repara em mim e leva a mão ao rosto, consternada.



— Oh, estou a interromper. Não percebi que tinha... companhia. Quem é este bonito cavalheiro?

— É o meu amigo Slate. Trouxe o pequeno-almoço para comermos juntos. — A Keaton reaparece com uma pequena lata de açúcar e começa a vazá-la para o copo da idosa, talvez um pouco mais rápido do que o necessário.

Fui só eu que reparei ou ela enfatizou a palavra *amigo*? E fez um esforço adicional para dar a entender que não passei cá a noite?

— Que amoroso. — As rugas da mulher pronunciavam-se num sorriso amável. — Vocês fariam um casal adorável.

— Adeus, Meera. — A resposta da Keaton é atenciosa, mas firme. — Fico à sua espera às duas horas para o chá de domingo.

Assim que a porta se fecha, a Keaton senta-se à mesa da cozinha e desembrulha o seu *burrito* com um suspiro.

— Desculpa lá. A Meera é uma querida, mas está sempre a chatear-me para «arranjar um bom homem e assentar». Os filhos não lhe telefonam nem a visitam muito, por isso, sobra para mim.

— Não faz mal. Parece uma senhora simpática.

Dou uma trinca no meu *burrito* e, durante algum tempo, ambos nos concentramos apenas em comer num silêncio confortável.

Quando tenho o prato meio vazio, arrisco:

— Em relação à... — Tento encontrar a palavra certa, depois decido *que se lixe, vai direto ao assunto*. — À cena do sexo. Diz-me o que tens em mente.

A Keaton para de mastigar durante um segundo, depois engole.

— Certo. Bem — começa, devagar —, é como te disse ontem à noite. Não tenho competências sexuais e quero mudar isso.

— Mas porque é que isso te incomoda tanto? Não percebo qual é o problema. Tenho a certeza de que és ótima na cama...

— Porque sinto que me passou ao lado, Slate. Toda a gente esteve a passar um bom bocado e a aproveitar, enquanto eu estava concentrada em subir na hierarquia corporativa. É como se tivesse sacrificado uma grande parte da minha vida aos deuses da venda de software. — Baixa o olhar para o linóleo.

Merda, não me tinha apercebido de que ela era tão sensível em relação a este assunto. Normalmente, a Keaton é tão despachada, quase nada a envergonha... Isto não é bem uma questão de vergonha. É mais uma amargura. Tristeza. Associada à confiança prática que geralmente a ajuda a enfrentar qualquer problema que se atravessa no seu caminho.

Pouso o meu *burrito* no prato, mostrando-lhe que sou todo ouvidos.

— Desculpa. Não queria insinuar que os teus sentimentos estão errados. Estava só a tentar perceber porque é que estavas tão aborrecida. E espero mesmo que não estejas deprimida só porque não foste capaz de chupar um estúpido pepino da maneira certa, numa festa, com toda

a gente a olhar para ti. És uma pessoa incrível, Keaton, já alcançaste tantas coisas.

Ela dá uma gargalhada.

— Quando pões as coisas dessa forma, o meu problema soa ainda mais estúpido. E eu consegui chupá-lo, só que fui uma merda.

Fogo, hoje não acerto uma.

— Não importa. Vamos começar do início. — Entrelaço as mãos em cima da mesa. — Vamos voltar aos teus objetivos. O que é que queres aprender exatamente, e qual será a tua abordagem?

Talvez colocando o assunto numa linguagem mais profissional seja mais fácil para ela organizar as ideias.

A Keaton acena com a cabeça, depois olha para o seu portátil.

— Bem, eu *comecei* a trabalhar numa coisa ontem à noite, só para tentar organizar... — Antes de eu decidir o que dizer sobre a lista obscena, ela começa a vacilar, mordendo o lábio. — Mas primeiro... ouve, não quero deixar-te numa situação difícil. Sei que somos amigos e não quero estragar isso, portanto, não penses que és obrigado a fazer alguma coisa comigo só porque estava bêbeda e choramingona.

Levanto as mãos para a interromper.

— Não te preocupes. Está tudo bem entre nós. — Eu sabia que este retrocesso ia acontecer, mas não consigo evitar sentir-me ligeiramente desiludido. — E se fizermos assim: e se eu for o teu comparsa? E te ajudar a encontrar o tipo certo com quem praticar?

Ela pestaneja.

— Farias isso por mim?

— Claro. Somos amigos. — Estendo a mão sobre a mesa e aperto-lhe o ombro. — Além disso, ajudaste-me montes de vezes a engatar miúdas. Mesmo que isto não fosse importante para ti, seria justo da minha parte retribuir o favor.

— Primeiro, nunca precisaste de ajuda para engatar miúdas, Slate. Tu entras num sítio e elas quase te atiram as cuecas. Depois, acho que seria uma ótima ideia. — Sorri com os seus faiscantes olhos azuis. — Muito obrigada. Quando começamos?

— Estou livre esta noite, se quiseres. Podemos ir àquele bar novo que acabou de abrir na Butler Street. — Procuo o site no telemóvel e mostro-lho.

Ela examina as fotografias dos DJ convidados e das multidões seminuas iluminadas pelos néons, os seus olhos estreitando-se enquanto analisa a cena.

— Tão cedo?

— Porque não? Não há tempo a perder — respondo, com um encolher de ombros.

O seu rosto em forma de coração assume uma determinação familiar. Conheço bem aquele olhar. Assim que a Keaton mete uma ideia na cabeça, nunca volta atrás.

Sorriso, divertido com a sua resolução.

— Encontramo-nos lá às nove, então.

— Muito obrigada, Slate. — Lá está outra vez aquele sorriso rasgado.

— Ah, e Keaton... veste algo sexy.

De olhos arregalados, ela morde o lábio e responde com um resolutivo aceno de cabeça, mostrando que é boa aluna.

# PARA TRABALHAR ALGUMAS DAS MINHAS COMPETÊNCIAS, PEDI AJUDA AO MEU MELHOR AMIGO...

Depois de uma despedida de solteira muito desconfortável, na qual fui confrontada com a minha falta de experiência sexual, decidi que estava na hora de mudar essa situação. Se sempre fui excelente em tudo o que faço, porque não começar a treinar as minhas competências na arte do amor? E quem melhor para me ajudar do que o meu amigo Slate?

Ele nunca tem dificuldade em arranjar companhia feminina, e eu só preciso de alguém com quem praticar. Nenhum de nós está à procura de uma relação séria. Sendo assim, o que é que pode correr mal? Só precisamos de garantir que a nossa amizade não vai sofrer com isso.

O nosso acordo parecia perfeito. Até trocarmos o beijo mais maravilhoso da minha vida e eu começar a perceber que talvez o Slate seja mais do que um amigo para mim.




## AGORA NUNCA MAIS VOU CONSEGUIR PENSAR NELE DA MESMA MANEIRA!

NÃO PERCA,  
DA MESMA AUTORA:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Romance Erótico

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896233549



9 789896 233549 >